

UTILIZAÇÃO DE ROTULAGEM NUTRICIONAL POR MÃES DE CRIANÇAS DA EDUCAÇÃO INFANTIL

Alexandra Magna Rodrigues¹

Talita Pisciotto Faria²

Paula do Valle³

Maria Claudia Diniz Figueiredo⁴

Edna Maria Querido de Oliveira Chamon⁵

Resumo

Avaliar a forma de utilização da rotulagem nutricional por mães de crianças matriculadas na educação infantil do município de Taubaté, São Paulo. Pesquisa transversal, na qual participaram, aleatoriamente, 370 mães de crianças matriculadas na educação infantil do município de Taubaté, São Paulo. A coleta de dados foi realizada por meio de questionário com questões sociodemográficas, sobre conhecimento e utilização de rótulos. Os dados foram tratados por meio da estatística descritiva e os testes de hipóteses seguiram nível de significância de 5%. Observou-se que 51,9% das mães afirmaram que não realizavam a leitura de rótulos nutricionais de alimentos comprados para seus filhos. Houve associação entre renda familiar e leitura de rótulos ($p=0,032$), e entre escolaridade materna e leitura dos rótulos ($p=0,003$). Os alimentos cujos rótulos eram mais consultados foram: leite fluido, leite em pó, queijo tipo “petit suisse”, biscoito recheado e refrigerante. Em relação ao entendimento sobre os itens da tabela nutricional, a maioria das mães (86,7%) afirmou ter nenhum, pouco ou razoável entendimento. Foi verificado que os itens da rotulagem nutricional de maior importância para as mães no momento da compra do alimento eram qualidade, prazo de validade e ser saudável. Existe um número expressivo

¹ Departamento de Enfermagem e Nutrição e Programa de Pós-Graduação em Educação e Desenvolvimento Humano da Universidade de Taubaté. Taubaté, São Paulo, Brasil. E-mail: alexandramagnarodrigues@gmail.com

² Departamento de Enfermagem e Nutrição. Taubaté, São Paulo, Brasil. E-mail: talitapisciof@hotmail.com

³ Programa de Pós-Graduação em Educação e Desenvolvimento Humano da Universidade de Taubaté. Taubaté, São Paulo, Brasil. E-mail: dovalle.paula@yahoo.com.br

⁴ Departamento de Enfermagem e Nutrição. Taubaté, São Paulo, Brasil. klaudiniz@hotmail.com

⁵ Programa de Pós-Graduação em Educação e Desenvolvimento Humano da Universidade de Taubaté. Taubaté, São Paulo, Brasil. E-mail: edna.chamon@gmail.com

de mães que não leem os rótulos nutricionais de alimentos comprados para seus filhos, e dentre as que leem, a maioria possui pouco entendimento sobre as informações nutricionais, ressaltando a necessidade de estratégias que facilitem a leitura e compreensão de tais informações.

Palavras chaves: rotulagem nutricional, mães, crianças.

USAGE OF NUTRITIONAL LABELING BY CHILDREN'S MOTHER OF EARLY CHILHOOD EDUCATION

Abstract

The target of this article is to assess how to use nutrition labeling by children's mother enrolled in kindergarten in Taubaté, a town from São Paulo State. In this cross-sectional study, they were randomly selected 370 mothers of children enrolled in kindergarten in Taubaté city, São Paulo. Data collecting was conducted through a questionnaire with sociodemographic questions about knowledge and use of labels. The data were analyzed using descriptive statistics and hypothesis testing followed a significance level of 5%.

It was observed that 51.9% of mothers said that they did not read the nutrition labels of food purchased for their children. There was an association between family income and reading labels ($p = 0.032$), and between maternal education and reading labels ($p = 0.003$). The most food labels consulted were: liquid milk, milk powder, cheese type "Petit Suisse", sandwich cookies and soda. Regarding the understanding of the items in the nutritional table, the majority of mothers (86.7%) claimed to have no, little or reasonable, understanding. It was found that the items in the nutrition labeling of most importance to mothers when buying food were: quality, shelf life and healthy. There is a significant number of mothers who does not read the nutrition labels of food purchased for their children, and among those who read, most have little understanding of the nutritional information, highlighting the need for strategies to make it easier the reading and understanding of such information.

Key-words: Nutrition labeling, Mothers, Children.

1 INTRODUÇÃO

Na última década o aumento da prevalência de excesso de peso entre crianças é uma realidade brasileira, especialmente devido à modificação da dieta, marcada por ingestão de alimentos ultraprocessados altamente energéticos, ricos em gorduras, açúcares, sódio e pobres em micronutrientes (SILVA-LONGO; TOLONI; TADDEI,

2013. SANTOS et al, 2014). Diante desse cenário, a preocupação com a qualidade da alimentação infantil destaca-se como importante fator no combate às doenças, especialmente a obesidade. (SILVA-LONGO; TOLONI; TADDEI, 2013. SANTOS et al, 2014. QUAIOTI; ALMEIDA, 2006).

A literatura sobre o consumo de alimentos ultraprocessados por crianças na fase pré-escolar no Brasil demonstra que, apesar das diferenças geográficas, tal consumo é semelhante nas diferentes regiões brasileiras, destacando-se os refrigerantes e bebidas adoçadas, salgadinhos, bolachas recheadas, iogurtes, leites, chocolates e bolos prontos, dentre outros. (AQUINO; PHILIPPI, 2002. CASTRO et al, 2005. FARIA JR; OSÓRIO, 2005. AIRES et al, 2011. TOLONI et al, 2011. NOBRE; LAMOUNIER; FRANCESCHINI, 2012, ZUCCH E FIATES, 2016). Diante dessa realidade, ressalta-se a importância da rotulagem nutricional dos alimentos embalados, uma vez que tal instrumento é a forma mais direta de expor as informações da produção e composição do alimento ao consumidor, tornando-a uma ferramenta indispensável para a ampliação da autonomia das pessoas nas escolhas alimentares.

A definição de rótulo de acordo com a legislação brasileira engloba qualquer identificação (legenda, imagem, matéria descritiva, gráfica, escrita) impressa ou litografada, “bem como os dizeres pintados ou gravados a fogo, por pressão ou decalcação aplicados sobre” qualquer tipo de embalagem utilizada no alimento ou o que a envolve (BRASIL, 1969). Cabe a estas descrições informar ao consumidor sobre o local de origem do produto, suas características nutricionais e sua composição, permitindo assim o acesso e rastreamento da área de produção (BRASIL, 1969).

A legislação brasileira referente à rotulagem nutricional obrigatória em todos os produtos alimentícios ainda é recente no país, tendo sido publicada somente em 2001 (ANVISA, 2001). Conforme o estabelecimento da legislação, o rótulo nutricional deve apresentar: “valor energético, carboidratos, proteínas, gorduras totais, gorduras saturadas, gorduras trans e sódio”. Opcionalmente, pode declarar quantidades de micronutrientes (vitaminas e minerais), desde que contenha valor mínimo de 5% da Ingestão Diária Recomendada (IDR) (ANVISA, 2005. ANVISA, 2011).

A normatização das leis sobre rotulagem padronizam e qualificam as informações gerais e nutricionais dos alimentos com o objetivo de garantir a saúde da população e informar a sociedade sobre os alimentos que consomem. Porém, a literatura indica que a falta de divulgação, incentivo e explicação sobre a leitura do conteúdo nutricional dos alimentos industrializados gera desinteresse, descrença e parcial entendimento sobre as informações nutricionais (MARINS; JACOB; PERES, 2008. SOUZA et al, 2011. BENDINO; POPOLOM; OLIVEIRA, 2012).

A literatura científica nacional sobre a utilização e entendimento da rotulagem nutricional por mães de crianças pequenas é escassa, o que torna pertinente o objetivo deste estudo que foi verificar de que forma as mães de crianças pequenas entendem e utilizam a rotulagem nutricional de produtos direcionados ao público infantil e qual sua influência nas escolhas alimentares realizadas para seus filhos.

2 MATERIAIS E MÉTODOS

Pesquisa transversal, descritiva e de abordagem quantitativa, composta por mães de crianças matriculadas em escolas municipais de educação infantil de Taubaté, São Paulo, Brasil, após autorização pela Secretaria de Educação do município e aprovação pelo Comitê de Ética (Parecer 827.585/14).

O município de Taubaté possuía em 2014, data do levantamento do número de unidades escolares, 67 escolas municipais de educação infantil que atendiam cerca de 10.000 crianças de 4 meses a 5 anos de idade.

Considerando os preceitos éticos da pesquisa com seres humanos, optou-se pela amostra de resposta voluntária, na qual os próprios indivíduos decidem sua inclusão ou não na amostra do estudo (TRIOLA, 2013). A amostra foi calculada segundo Triola (2013), considerando um grau de confiança de 95% e erro amostral de cinco pontos percentuais ($E= 0,05$). Sendo assim, para atingir a representatividade, participaram da pesquisa 370 mães de crianças de escolas municipais de educação infantil da cidade de Taubaté, que foram sorteadas aleatoriamente.

A coleta de dados foi realizada por meio de um questionário com 15 questões sociodemográficas, sobre conhecimento e utilização de rótulos, aplicado entre os meses

de outubro do ano de 2014 a fevereiro do ano de 2015. Tal instrumento foi uma adaptação do questionário desenvolvido por Giehl, 2008 (GIEHL,2008) e da literatura científica nacional que aborda o consumo de alimentos industrializados por crianças na fase pré-escolar (AQUINO; PHILIPPI, 2002. CASTRO et al, 2005. FARIA JR; OSÓRIO, 2005. AIRES et al, 2011. TOLONI et al, 2011. NOBRE; LAMOUNIER; FRANCESCHINI, 2012, ZUCCH E FIATES, 2016). A abordagem e o convite às mães das crianças foram feitos em reuniões de pais propostas pelas escolas ou na porta da escola, em horários de entrada e saída, com a anuência do gestor escolar. À medida que todas as mães fossem abordadas, já tivessem respondido o questionário ou não quisessem participar do estudo, outra escola era sorteada. No total foram visitadas 11 escolas de diferentes regiões do município.

Os dados foram tabulados no programa Excel® 14.0 Office 2010 e tratados por meio da estatística descritiva com auxílio do programa *Statistical Package for Social Sciences*® (SPSS), versão 23.0, e os testes de hipóteses seguiram nível de significância de 5%.

3 RESULTADOS

Participaram da pesquisa 370 mães de crianças entre 1 e 5 anos de idade matriculadas em escolas municipais de educação infantil de Taubaté, São Paulo. A média de idade materna foi de 30 anos (+6,7), e o número médio de filhos foi 2 (+1,1). A maioria das mães era casada (54,3%) e o nível de escolaridade correspondente ao ensino médio completo (53,5%). Em relação à renda familiar a maior parte das mães declarou ter renda entre um e três salários mínimos. A respeito da ocupação materna foram identificados 67 tipos diferentes de ocupações, declaradas pelas mães, porém, apenas 9 ocupações foram informadas com maior frequência (Tabela 1).

Em relação às questões referentes à leitura das informações nutricionais dos rótulos, observou-se que das 370 mães abordadas, 192 (51,9%), não possuíam o hábito de leitura das informações nutricionais dos rótulos de alimentos que compravam para o consumo de seus filhos.

O presente estudo revelou, ainda, que houve associação entre renda familiar e leitura de rótulos ($p=0,032$), ou seja, quanto maior a renda, maior a frequência na leitura de rótulos; o mesmo ocorreu ao analisar-se a escolaridade materna e leitura dos rótulos ($p=0,003$).

Dentre as 178 (48,1%) mães que possuíam o hábito de leitura dos rótulos, foi possível verificar que consultavam mais rotineiramente os rótulos de alimentos como leite fluido, queijo tipo “petit suisse”, leite em pó, biscoito recheado e refrigerante. Contudo, apesar de as mães verificarem a tabela nutricional destes alimentos com maior frequência, relataram apresentar dificuldades para entender suas informações. Os rótulos menos consultados pelas mães foram os de leite modificado, bolo pronto e salsicha/linguiça. (Tabela 2).

A Tabela 3 representa o grau de entendimento que as mães consideravam possuir sobre os itens listados na tabela nutricional. Verificou-se que para todos os itens da tabela nutricional, a maioria das mães (86,7%) afirmou ter nenhum, pouco ou razoável entendimento.

No que diz respeito à opinião que as mães possuíam quanto ao grau de clareza e de dificuldade relacionadas às informações nutricionais dos alimentos que compravam para o consumo de seus filhos, verificou-se que 70,8% da amostra considerou tais informações como “muito confusas”, “confusas” e “razoáveis” (Gráfico 1).

Analisou-se, também, a leitura das informações nutricionais em diferentes momentos de manuseio do alimento, tendo sido observado que esta prática ocorreu, de modo marcante, no momento da compra do alimento, representada por 155 (87,1%) mães. Dentre estas, 58 (32,6%) relataram utilizar-se sempre da comparação das informações nutricionais dos alimentos iguais de marcas diferentes como critério para escolha e compra. Verificou-se ainda que 57 mães (32%) declararam realizar a leitura das informações nutricionais após a aquisição do alimento, no momento do preparo.

A Tabela 4 indica alguns aspectos importantes para as mães no momento em que realizam a compra dos alimentos para seus filhos. Os aspectos como: “qualidade, embalagem, preço, prazo de validade, ser saudável, ser indicado para idade do seu filho e o alimento ter sido pedido pelo seu filho”, foram indicados em sua maioria como muito

importantes. Ainda, verificou-se que os aspectos considerados mais importantes foram o “prazo de validade”, “qualidade” e “ser saudável”. A opção “imagem do produto” foi a mais indicada como pouco importante.

4. DISCUSSÃO

No presente estudo, o perfil das mães participantes foi considerado adequado para a pesquisa, uma vez que a maioria era alfabetizada e possuía renda familiar mínima, e, portanto, poderiam comprar alimentos industrializados e realizar leitura da rotulagem nutricional dos alimentos que compravam e, a partir disso, formar suas opiniões referentes à temática da pesquisa: rotulagem nutricional.

A associação encontrada no presente estudo entre renda familiar e leitura de rótulos ($p=0,032$), e entre a escolaridade materna e leitura dos rótulos ($p=0,003$) mostrou que quanto maior o nível da renda familiar ou da escolaridade materna, maior a frequência na leitura de rótulos dos alimentos comprados para a alimentação dos filhos. Somado a este fato, verificou-se que mais da metade das mães não possuía o hábito de leitura das informações nutricionais. Tal resultado demonstra que as mães, especialmente aquelas de baixa escolaridade ou renda, acabam por não saber se os produtos que compram são adequados para serem oferecidos às crianças.

Estudos indicam que a falta do hábito de leitura dos rótulos pelos consumidores pode estar associada a vários fatores como a falta de conhecimento e de interesse sobre as informações da tabela nutricional, ao ato de comprar o mesmo alimento e já conhecer as características do produto, ao uso de linguagem técnica, abreviaturas, siglas e também letras pouco legíveis (MARINS; JACOB, PERES, 2008. BENDINO; POPOLIM; OLIVEIRA, 2012. DIAZ, 2006. MARINS; JACOB, 2014).

A leitura de rótulos alimentares de produtos como leite fluido, leite em pó, queijo tipo “petit suisse”, biscoito recheado e refrigerante, realizada por parte das mães participantes da pesquisa, pode ser justificada pelo fato de que, de acordo com a literatura, tais produtos destacam-se como os mais consumidos entre crianças brasileiras de diversas regiões (AQUINO; PHILIPPI, 2002. CASTRO et al, 2005. FARIA JR; OSÓRIO, 2005.

AIRES et al, 2011. TOLONI et al, 2011. NOBRE; LAMOUNIER; FRANCESCHINI, 2012).

Além do fato de que as mães do presente estudo que informaram possuir o hábito de ler os rótulos de alimentos tenha sido minoria, ressalta-se, ainda, que a leitura das informações nutricionais foi pouco frequente, demonstrando que uma pequena fração dos alimentos industrializados é analisada pelas mães, por meio dos rótulos, antes de serem adquiridos e oferecidos a seus filhos. Esse fato é preocupante, pois há grande oferta e consumo de alimentos ultraprocessados pelo público infantil e que, de acordo com o Guia Alimentar para a População Brasileira de 2014, tais produtos deveriam ser evitados por conterem altas concentrações de açúcar, sódio, gorduras e deficiência de fibras e micronutrientes (BRASIL, 2014).

Muito embora as mães se preocupem com a alimentação e procurem identificar as informações contidas nos rótulos dos alimentos, estas foram avaliadas como confusas, não sendo entendidas de maneira clara. Diante deste fato analisou-se que o entendimento das participantes desse estudo sobre as informações da tabela nutricional não as capacita para analisarem se o produto é saudável ou adequado, o que compromete a escolha dos alimentos a serem oferecidos a seus filhos.

Perante tais constatações, pode-se argumentar que o uso de siglas, termos técnicos, abreviaturas, entre outros também são fatores que dificultam o entendimento nutricional (MARINS; JACOB; PERES, 2008), sendo identificados de maneira clara apenas por profissionais da área de nutrição. Tais informações contradizem o objetivo da rotulagem nutricional para os consumidores, que é informá-los sobre o produto que estão adquirindo (ANVISA, 2003), contrariando também o código de defesa do consumidor, que obrigatoriamente indica que todo produto deve conter informações claras e adequadas ao público (BRASIL, 1990).

Diante deste contexto, pode-se dizer que há necessidade de gerar estratégias que facilitem a escolha saudável dos alimentos industrializados. Existem experiências internacionais interessantes na comunicação sobre informações do rótulo, como semáforo nutricional ou estrelamento das informações nutricionais, que são formas visuais que facilitam o entendimento dos consumidores (SILVA-LONGO; TOLONI; TADDEI,

2010. SANTOS et al, 2014. QUAIOTI; ALMEIDA, 2006) e poderiam ser usados a fim de identificar de maneira fácil e visual se o produto é saudável ou não. Essas estratégias utilizadas na rotulagem nutricional contribuem com escolhas alimentares saudáveis, prevenindo doenças crônicas que podem ser geradas desde a infância devido à má alimentação.

A presente pesquisa mostrou, ainda, que a leitura da informação nutricional como método de comparação para a escolha entre dois alimentos iguais, mas de marcas diferentes, é conduta pouco utilizada pelas mães. Esse fato pode ser explicado pelo ato de fidelidade à marca de produtos, os quais possuem características conhecidas por seus consumidores (COUTINHO; MONTEIRO, 2002).

Por outro lado, consultar o rótulo dos alimentos no momento da compra foi ato frequentemente citado. Tal informação pode indicar que a decisão de compra seja o fator pelo qual a mãe procure ler as informações nutricionais no momento da compra, o que pode resultar em escolhas alimentares mais saudáveis (SILVA, 2003). Apesar disso, na literatura há estudos que se referem à frequência de leitura da informação nutricional no momento da compra e relatam que a maioria dos consumidores não deixaria de comprar um alimento mesmo após ter lido seu conteúdo nutricional e que muitos realizam essa prática apenas “às vezes” (BENDINO; POPOLIM; OLIVEIRA, 2012. NUNES; GALLON, 2013). Outros estudos justificam essa informação identificando a falta de entendimento no uso das tabelas nutricionais pelos consumidores em seu dia-a-dia (CÂMARA et al, 2008).

Quanto à leitura da tabela nutricional realizada no momento do preparo do alimento, não há estudos que avaliem essa finalidade, apenas para a leitura do modo de preparo ((BENDINO; POPOLIM; OLIVEIRA, 2012). Contudo, muitas mães informaram que liam a tabela nutricional enquanto consumiam o alimento.

No que diz respeito ao grau de clareza das informações contidas nos rótulos, o presente estudo mostrou que a interpretação dos dados nutricionais não é bem esclarecida para o bom entendimento das mães. Isso pode ser confirmado pelo fato de que apenas 33 mães (18,5%) indicaram que as informações nutricionais são muito claras, tendo sido observado que o grau de dificuldade foi vinculado ao modo como a tabela era estruturada

no rótulo. A literatura mostra que os consumidores apresentam dificuldades na leitura das informações nutricionais dos rótulos devido ao uso de letras pouco legíveis, termos técnicos, abreviaturas e descrédito à fidedignidade do conteúdo nutricional (MARINS; JACOB; PERES, 2008. NUNES; GALLON, 2013). Outros estudos realizados no Brasil identificaram resultados semelhantes, em que os consumidores que possuem o hábito de leitura das informações nutricionais contidas nos rótulos não as consideram claras (SILVA, 2003. NUNES; GALLON, 2013). Diante dessas afirmações, identifica-se que o uso das informações nutricionais pelas mães torna-se comprometido.

A estratégia global para alimentação, atividade física e saúde descreve sobre a importância das informações nutricionais dos alimentos e informa que devem possuir informações claras para a compreensão dos consumidores e que o órgão regulador em questão pode exigir que sejam facilitadas as informações sobre aspectos nutricionais importantes (BRASIL, 2014). Sendo assim, a discussão e revisão de políticas públicas sobre rotulagem são necessárias para que haja melhoria dos métodos de educação e comunicação para o melhor entendimento e visualização do conteúdo nutricional de produtos industrializados.

Observa-se que aspectos como “prazo de validade”, “qualidade” e “ser saudável” foram considerados importantes pelas mães ao comprarem os produtos industrializados para seus filhos. A importância que a mãe dá ao “prazo de validade” pode ser entendido pelo fato de que as mães, como consumidoras, atribuem qualidade ao produto associando-a ao prazo de validade. A justificativa para tanto é de que um alimento vencido promoveria consequências negativas financeiras e à saúde (DIAZ, 2006).

O aspecto “ser saudável” ter sido escolhido como um dos mais importantes pelas mães pode estar associado à procura por alimentos mais saudáveis realizada devido a difusão de informações que incentivam às práticas alimentares saudáveis (SILVA, 2003). Apenas a opção imagem do produto foi indicada, em sua maioria como pouco importante. Isso pode ser explicado por serem aspectos que dependem de outros fatores determinantes, que são considerados mais importantes pelas mães no momento de comprar um alimento, esses são: a qualidade, preço, prazo de validade, ser saudável e ser indicado para idade do seu filho. Os aspectos qualidade, prazo de validade e preço

também foram considerados itens de importância para os consumidores no momento da compra em estudos realizados em Caxias do Sul, RS e Taboão da Serra, SP. (BENDINO; POPOLIM; OLIVEIRA, 2012. NUNES; GALLON, 2013).

Dessa forma, ao verificar que dentre as mães que fazem a leitura dos rótulos, a maioria das mães se preocupa com a qualidade, prazo de validade, se o alimento é saudável e se é indicado para idade da criança, mostra que há interesse em saber sobre as informações e o conteúdo dos alimentos descritos nas embalagens dos alimentos que decidem comprar. No entanto, esse conteúdo torna-se um fator pouco favorável diante do contexto de que elas, muitas vezes, não entendem bem as informações nutricionais e acabam por não lhe servir de auxílio para promover escolhas alimentares saudáveis.

Há também estratégias de marketing que induzem a compra dos alimentos ditos como saudáveis, por conter benefícios descritos em seus rótulos ou em suas propagandas, além do uso de embalagens e imagens que sejam atraentes ao consumidor proporcionando sua venda (SILVA, 2003. MAARINS; ARAÚJO; JACOB, 2011). Contudo, tais apelos podem conduzir os consumidores ao erro, devido ao fato de que pode ocorrer omissão de informações sobre presença, muitas vezes excessiva, de gorduras, açúcares, sódio e aditivos químicos em detrimento das supostas qualidades nutricionais do produto.

Estudo realizado na Europa informa que o formato dos rótulos pode aprimorar a atenção nutricional, principalmente se estiver de forma apelativa na região frontal das embalagens do alimento industrializado (FLABEL, 2012). Em virtude dessas informações, se houvessem métodos que esclarecessem de modo visual o conteúdo nutricional e a qualidade do alimento (figuras, símbolos de saúde), estes poderiam assegurar às mães a aquisição de melhores escolhas alimentares e conseqüentemente mudanças nos hábitos alimentares de seus filhos, reduzindo a chance de desenvolverem doenças relacionadas à alimentação inadequada.

Considerando o número expressivo de mães deste estudo que não possuem o hábito da leitura de rótulos, e, sobretudo, o pouco entendimento das informações entre as que leem, há necessidade de discussão sobre propostas inovadoras e viáveis à rotulagem, que busquem facilitar o entendimento e o uso dessas informações, a fim de garantir melhores escolhas alimentares pelas mães. Para uma maior adesão à leitura, o rótulo

deveria conter informações que fossem legíveis, claras e acessíveis a essas mães. Há, ainda, necessidade de mais estudos que verifiquem o grau de entendimento das mães sobre as informações nutricionais dos alimentos que compram para seus filhos, a fim de complementar essa análise.

REFERÊNCIAS

AIRES, A.P.P.; SOUZA, C.C.L.; BENEDETTI, F.J.; BLASIS, T.C.; KIRSTEN, V.R. Consumo de alimentos industrializados em pré-escolares. **Revista da AMRIGS**. 2011;55(4): 350-355.

ANVISA. Resolução RDC n.40, de 21 de março de 2001. Regulamento técnico para rotulagem nutricional obrigatória de alimentos e bebidas embalados. Brasília: Ministério da Saúde, 2001.

ANVISA. Gerência geral de alimentos. Rotulagem nutricional obrigatória: manual de orientação às indústrias de alimentos – 2. Versão. Brasília: Ministério da Saúde, 2005. 44p.

ANVISA. Resolução RDC n.359, de 23 de dezembro de 2003. Regulamento técnico de porções de alimentos embalados para fins de rotulagem nutricional. Brasília: Ministério da Saúde, 2003.

AQUINO, R.C.; PHILIPPI, S.T. Consumo infantil de alimentos industrializados e renda familiar na cidade de São Paulo. **Rev. Saúde Pública**. 2002; 36 (6): 655-60.

BENDINO, N.I.; POPOLIM, W.D.; OLIVEIRA, C.R.A. Avaliação do conhecimento e dificuldades de consumidores frequentadores de supermercado convencional em relação a rotulagem de alimentos e informação nutricional. **J. Health Sci Inst**. 2012; 30(3): 261-265.

BRASIL, Ministério da Marinha de Guerra do Exército e da Aeronáutica Militar. Decreto-lei nº 986/69 sobre rotulagem de alimentos embalados. Brasília: Ministério da Marinha de Guerra do Exército e da Aeronáutica Militar; 1969. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/Del0986.htm. Acesso em setembro 2014

BRASIL, Ministério da saúde. Secretaria de atenção à saúde. Departamento de atenção Básica. guia alimentar para a população brasileira / ministério da saúde, secretaria de atenção à saúde, departamento de atenção Básica. – 2. ed. – Brasília : Ministério da Saúde, 2014.156 p.

BRASIL, Ministério da Justiça. Código de Defesa do Consumidor (CDC). Lei nº 8 078/90 de 11 de setembro de 1990. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18078.htm. Acesso em setembro 2014

BRASIL, Estratégia Global em Alimentação Saudável, Atividade Física e Saúde. Tradução de Coordenação-Geral da Política de Alimentação e Nutrição (CGPAN) e Ministério da Saúde (MS). Brasília, 22 de maio de 2014. 23p.

CÂMARA, M.C.C.; MARINHO, C.L.C.; GUILAM, M.C.; BRAGA, A.M.C.B. A produção acadêmica sobre a rotulagem de alimentos no Brasil. **Rev Pana Salud Publica**. 2008; 23(1): 52–58.

CASTRO, T.G.; NOVAES, J.F.; SILVA, M.R.; COSTA, N.M.B.; FRANCESCHINI, S.C.C.; TIRNÔCO, A.L.A.; LEAL, P.F.G. Caracterização do consumo alimentar, ambiente sócio econômico e estado nutricional de pré-escolares de creches municipais. **Rev. nutr.** 2005;18(3):321-330.

COUTINHO, J.G.; MONTEIRO, R.A. **Uso e entendimento pela população adulta frequentadora de supermercados do Plano Piloto: Distrito Federal: da informação nutricional de alimentos e bebidas embalados** [monografia de especialização]. Brasília: Faculdade de Ciências da Saúde da Universidade de Brasília; 2002. 63p.

DEPARTMENT OF HEALTH, THE FRONT-OF-PACK LABELLING SECRETARIAT. HEALTH STAR RATING SYSTEM: Style Guide. Canberra: june 2014. 22p.

DIAZ, A.M.L. **Validação de um instrumento de avaliação do comportamento do consumidor adulto com sobrepeso/obesidade frente às informações nutricionais dos rótulos de alimentos** [monografia]. Brasília: Curso de Especialização em Qualidade de Alimentos da Universidade de Brasília; 2006.56p. [citado em dezembro de 2015]. Disponível em <http://bdm.unb.br/bitstream/10483/463/1/2006_AliciaMonicaLorietoDiaz.pdf>.

FARIAS JÚNIOR, G.; OSÓRIO, M.M. Padrão alimentar de crianças menores de 5 anos no Estado de Pernambuco. **Rev. nutr.**, v.18, n. 5, p. 793-802, 2005.

FOOD LABELLING TO ADVANCE BETTER EDUCATION FOR LIFE (FLABEL), European Food Information Council (EUFIC). Novas percepções sobre a rotulagem nutricional na Europa. 2012. 6p.

GIEHL, R.B.T. **A importância das informações nutricionais nos rótulos de alimentos na intenção de compra do consumidor**. Dissertação (Mestrado). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre/RS, 2008.173p.

MARINS, B.R.; ARAÚJO, I.S.; JACOB, S.C. A propaganda de alimentos: orientação, ou apenas estímulo ao consumo? **Ciênc. saúde coletiva**, v.16, n. 9, p. 3873-3882, 2011.

MARINS B.R.; JACOB S.C. Avaliação do hábito de leitura e da compreensão da rotulagem por consumidores de Niterói, RJ. **Rev. Rio de Janeiro, Visa em debate**. 2014.

MARINS, B.R.; JACOB, S.C.; PERES, F. **Avaliação qualitativa do hábito de leitura e entendimento: recepção das informações de produtos alimentícios**. *Ciênc. Tecnol. Aliment.*, v. 28, n. 3, p. 579-585, 2008.

NOBRE, L.N; LAMOUNIER, J.A; FRANCESCHINI, S.C.C. **Padrão alimentar de pré-escolares e fatores associados**. *Pediatr (Rio J)*, v. 88, n. 2, p.129-36, 2012.

NUNES, S. T.; GALLON, C. W. Knowledge and consumption of diet and light products and understanding of food labels for consumers in a supermarket in Caxias do Sul, Brazil. **Nutrire: rev. Soc. Bras. Alim. Nutr.** = J. Brazilian Soc. Food Nutr., v. 38, n. 2, p. 156-171, 2013.

QUAIOTI, T.C.B; ALMEIDA, S.S. Determinantes Psicobiológicos do comportamento alimentar: uma ênfase em fatores ambientais que contribuem para a obesidade. **Psicol. USP**, v.17, n. 4, p. 193-211, 2006.

SANTOS, L.S.V.; MEDEIROS, L.P.; COUTO, M.L.B.Q.; LIMA, R.P.; GASPAR, L.R. Perspectivas atuais no tratamento da obesidade infantil. **Brazilian Journal of Surgery and Clinical Research**, v. 5, n. 2, p. 9-16, 2014.

SILVA-LONGO, G; TOLONI, M.H.A.; TADDEI, J.A.A.C. Traffic light labelling: traduzindo a rotulagem de alimentos. **Rev. nutr.**,v.23, n 6, p.1031-1040, 2010.

SILVA, M.Z.T. **Influência da rotulagem nutricional sobre o consumidor**. 2003. 69f. Dissertação (Mestrado) - Centro de Ciência da Saúde Departamento de Nutrição, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2003. 69p. [acesso em novembro de 2015].

SOUZA, S.M.F.C; LIMA, K.C.; MIRANDA, H.F.; CAVALCANTI, F.I.D. Utilização da informação nutricional de rótulos por consumidores de Natal, Brasil. **Rev Panam Salud Publica**, v. 29, n. 5, p. 337-343, 2011.

TOLONI, M.H.A.; SILVA-LONGO, G; GOULART, R.M.M.; TADDEI, J.A.A. Introdução de alimentos industrializados e de alimentos de uso tradicional na dieta de crianças de creches públicas no município de São Paulo. **Rev. nutr.** v. 24, n.1, p.61-70, 2011.

TRIOLA, M.F. **Introdução à estatística**. 11ª Edição. Rio de Janeiro: LCT, 2013.

ZUCCHI, N; FIATES, G.M.R. Analysis of the presence of nutrient claims on labels of ultra-processed foods directed at children and of the perception of kids on such claims. **Rev. Nutr.**, Campinas, v. 29, n. 6, p. 821-832, 2016 .

Tabela 1 – Distribuição das mães de crianças de escolas municipais de educação infantil, segundo as variáveis sócio demográficas.

Variáveis	n (%)
Estado Civil	
Solteira	107 (28,9)
Casada	201 (54,3)
Divorciada	21 (5,7)
Viúva	4 (1,1)
Vínculo conjugal	37 (10,0)
Escolaridade	
Sem escolaridade	1 (0,3)
Ensino fundamental incompleto	48 (13,0)
Ensino fundamental completo	43 (11,6)
Ensino médio incompleto	40 (10,8)
Ensino médio completo	198 (53,5)
Ensino superior incompleto	20 (5,4)
Ensino superior completo	20 (5,4)
Renda familiar	
< 1 SM	22 (5,9)
1-2 SM	203 (54,9)
2-3 SM	115 (31,1)
3-6 SM	21 (5,7)
6-9 SM	6 (1,6)
>= 10 SM	1 (0,3)
Sem declaração	2 (0,5)
Ocupação materna	
Dona de casa	83 (22,4)
Diarista	36 (9,7)
Auxiliar de limpeza	20 (5,4)
Manicure	19 (5,1)
Balconista	15 (4,1)
Vendedora	13 (3,5)
Auxiliar de cozinha	13 (3,5)
Operadora de caixa	12 (3,2)
Atendente	12 (3,2)
Outras	147 (39,7)

Tabela 2 – Distribuição das mães de crianças de escolas municipais de educação infantil, segundo a frequência de leitura das informações nutricionais dos rótulos de alimentos.

Leitura de rótulos	Nunca	Às vezes	
	Sempre n (%) (%)	n (%)	n
Leite fluido	238 (64,3)	58 (15,7)	74 (20,0)
Leite em pó	289 (78,1)	32 (8,6)	49 (13,2)
Leite modificado	320 (86,5)	16 (4,3)	34 (9,2)
Queijo tipo “ <i>petit suisse</i> ”	235 (63,5)	63 (17,0)	72 (19,5)
Iogurte de frutas	256 (69,2)	49 (13,2)	65 (17,6)
Biscoito recheado	250 (67,6)	52 (14,1)	68 (18,3)
Biscoito sem recheio	280 (75,7)	46 (12,4)	44 (11,9)
Bolo pronto	314 (84,9)	24 (6,5)	32 (8,6)
Salgadinho	280 (75,7)	48 (13,0)	42 (11,3)
Chocolate	281 (75,9)	45 (12,2)	44 (11,9)
Macarrão instantâneo	272 (73,5)	52 (14,1)	46 (12,4)
Salsicha/linguiça	300 (81,1)	37 (10,0)	33 (8,9)
Mortadela/presunto	298 (80,5)	34 (9,2)	38 (10,3)
Achocolatado em pó	260 (70,2)	55 (14,9)	55 (14,9)
Suco de caixinha/suco em pó	262 (70,8)	52 (14,1)	56 (15,1)
Refrigerante	275 (74,3)	50 (13,5)	45 (12,2)

Tabela 3 – Distribuição das mães de crianças de escolas municipais de educação infantil, segundo o grau de entendimento sobre os itens da tabela nutricional.

Itens	Grau de entendimento				Total
	Nenhum	Pouco	Razoável	Muito	
	n (%)	n (%)	n (%)	n (%)	n (%)
Valor calórico (calorias)	23 (12,9)	50 (28,1)	82 (46,1)	12 (6,7)	11 (6,2)
Carboidratos	22 (12,4)	64 (36,0)	71 (39,9)	12 (6,7)	9 (5,1)
Proteínas	21 (11,8)	60 (33,7)	73 (41,0)	13 (7,3)	11 (6,2)
Gorduras totais	24 (13,5)	61 (34,3)	71 (39,9)	14 (7,9)	8 (4,5)
Gorduras saturadas	25 (14,0)	61 (34,3)	71 (39,9)	13 (7,3)	8 (4,5)
Gorduras trans	21 (11,8)	66 (37,1)	71 (39,9)	12 (6,7)	8 (4,5)
Fibra alimentar	27 (15,2)	55 (30,9)	73 (41,0)	13 (7,3)	10 (5,6)
Sódio	25 (14,0)	47 (26,4)	75 (42,1)	21 (11,8)	10 (5,6)
Fonte de cálcio	22 (12,4)	54 (30,3)	74 (41,6)	17 (9,6)	11 (6,2)
Enriquecidos com vitaminas	15 (8,4)	57 (32,0)	77 (43,3)	17 (9,6)	12 (6,7)
Fontes de sais minerais	24 (13,5)	56 (31,5)	79 (44,4)	12 (6,7)	7 (3,9)

Tabela 4 – Distribuição das mães de crianças de escolas municipais de educação infantil, segundo aspectos importantes no momento em que decidem comprar alimentos para seus filhos.

Itens de importância	Grau de importância ¹				5 n (%)
	1 n (%)	2 n (%)	3 n (%)	4 n (%)	
Qualidade	26 (14,6)	3 (1,7)	8 (4,5)	7 (3,9)	134 (75,3)
Embalagem	50 (28,1)	12 (6,7)	20 (11,2)	20 (11,2)	76 (42,7)
Preço	49 (27,5)	4 (2,2)	23 (12,9)	10 (5,6)	92 (51,7)
Prazo de validade	25 (14,0)	2 (1,1)	5 (2,8)	4 (2,2)	142 (79,8)
Praticidade da embalagem	62 (34,8)	8 (4,5)	18 (10,1)	17 (9,6)	73 (41,0)
Ser saudável	29 (16,3)	2 (1,1)	6 (3,4)	7 (3,9)	134 (75,3)
Marca do produto	58 (32,6)	6 (3,4)	23 (12,9)	24 (13,5)	67 (37,6)
Imagem do produto	74 (41,6)	10 (5,6)	30 (16,9)	15 (8,4)	49 (27,5)
Ser indicado para a idade do seu filho	34 (19,1)	1 (0,6)	5 (2,8)	10 (5,6)	128 (71,9)
O alimento ter sido pedido pelo seu filho	57 (32,0)	12 (6,7)	12 (6,7)	14 (7,9)	83 (46,6)

¹Grau de importância variando entre mínimo = 1 (pouco importante) e máximo = 5

(muito importante)